

A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. UMA LEITURA DESDE PORTUGAL

THE CONSTRUCTION OF LANDSCAPE IN GEOGRAPHIC EDUCATION. A READING FROM PORTUGAL

LA CONSTRUCCIÓN DEL PAISAJE EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA. UNA LECTURA DESDE PORTUGAL

Sérgio Claudino¹

RESUMO: A paisagem tem uma grande tradição na Escola Regional Francesa, em que a Geografia portuguesa tem uma forte filiação. A influência de Orlando Ribeiro, conhecido representante desta escola, no ensino fundamental e médio, fez-se sentir sobretudo após a Revolução de 1974. Para os alunos que se iniciam na disciplina de geografia, esta tem sido definida, ao longo de gerações, como a “ciência das paisagem”. Nos programas de 2001, pretende-se aprofundar o significado paisagem, valorizando-a como património e valor social. Este discurso não é, contudo, transposto para os livros didáticos, nem tem continuidade nas reformas posteriores. O percurso escolar da paisagem na educação geográfica em Portugal demonstra como ela está intimamente entrosada no discurso educativo, mas também como essa abordagem é simplista e redutora. Há, assim, um importante desafio didático: a paisagem pode ser um elemento central na renovação de uma Geografia de observação, interpretação e reflexão sobre o território.

Palavras-chave: Geografia. Escola regional. Livros didáticos. Programas. Renovação.

ABSTRACT: The landscape has a great tradition in the French Regional School, in which Portuguese Geography has a strong affiliation. The influence of Orlando Ribeiro, a well-known representative of this school, in primary and secondary education, was felt especially after the 1974 Revolution. For students starting in the discipline of

¹ Investigador do Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa e Laboratório Terra, Edifício IGOT, Rua Branca Edmée Marques 1600-276, Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6987-4812>. E-mail: sergio@campus.ul.pt

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

geography, this has been defined, over generations, as the “science of landscape”. In the 2001 programmes, the intention is to deepen the meaning of landscape, valuing it as a heritage and social value. This discourse is not, however, transposed to textbooks, nor is it continued in subsequent reforms. The school trajectory of landscape in geographic education in Portugal demonstrates how it is closely intertwined in the educational discourse, but also how this approach is simplistic and reductive. There is, therefore, an important didactic challenge: the landscape can be a central element in the renewal of a Geography of observation, interpretation and reflection on the territory.

Keywords: Geography. Regional school. Textbooks. Programs. Renovation.

RESUMEN: El paisaje tiene una gran tradición en la Escuela Regional Francesa, en la que la Geografía Portuguesa tiene una fuerte afiliación. La influencia de Orlando Ribeiro, conocido representante de esta escuela, en la educación primaria y secundaria, se hizo sentir especialmente después de la Revolución de 1974. Para los estudiantes que se inician en la disciplina de la geografía, esta ha sido definida, durante generaciones, como la “ciencia del paisaje”. En los programas de 2001 se pretende profundizar en el significado del paisaje, valorándolo como valor patrimonial y social. Sin embargo, este discurso no se transpone a los libros de texto, ni se continúa en las reformas posteriores. La trayectoria escolar del paisaje en la educación geográfica en Portugal demuestra cómo ella está íntimamente entrelazado en el discurso educativo, pero también cómo este enfoque es simplista y reduccionista. Hay, pues, un reto didáctico importante: el paisaje puede ser un elemento central en la renovación de una Geografía de observación, interpretación y reflexión sobre el territorio.

Palabras clave: Geografía. Escuela regional. Libros de texto. Programas. Renovación.

A GRANDE TRADIÇÃO DA ESCOLA REGIONAL FRANCESA

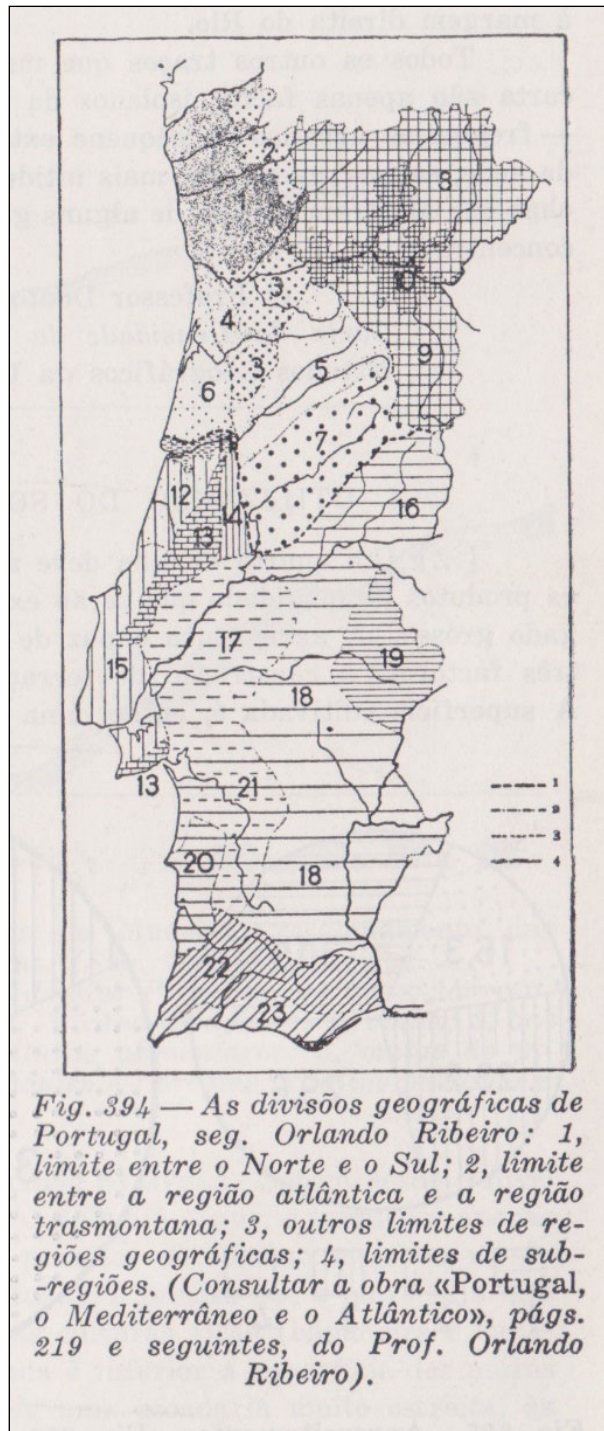
A paisagem tem uma grande tradição na Geografia portuguesa, com uma evidente filiação na Escola Regional Francesa, como é facilmente reconhecível em nomes que mais a marcaram na universidade, de Silva Teles (2004) a Orlando Ribeiro (1970) - este último foi, mesmo, discípulo direto de geógrafos formados por Vidal de la Blache (RIBEIRO, 1973). Ainda hoje, a Geografia é definida, na escola francesa, pela descrição e interpretação da organização da superfície terrestre pelas sociedades humanas (THIMONIER-ROUZET, 2022) – tendo Orlando Ribeiro considerado que esta superfície resulta da inter-relação entre os fenómenos físicos e humanos que nela ocorrem². Apesar da emergência da Nova Geografia nos anos 70, em especial na Universidade de Lisboa, esta teve uma evidente dificuldade em penetrar no ensino fundamental e médio. De resto, são discípulas de Orlando Ribeiro quem elabora os novos programas e principais livros didáticos adotados a seguir à Revolução de 25 de Abril de 1974 (CLAUDINO, 2005) – prolongando-se, assim, a leitura da escola regional francesa, mesmo se no meio académico ganhavam relevo outras abordagens.

A GEOGRAFIA, CIÊNCIA DE UMA PAISAGEM NÃO VIVIDA

No século XVII, o “pai” da Geografia local, Juan Amos Coménio (1657/2015, p. 416), apela à observação do território próximo nas idades mais jovens: “(A criança) Aprende os primórdios da geografia quando começa a entender o que é um monte, um vale, um campo, um rio, uma aldeia, um castelo, uma cidade...”.

Contudo, na institucionalização da escola liberal, a observação direta não será o caminho escolhido. E, no ensino de Geografia, a paisagem está escassamente presente no discurso escolar do século XIX. Ela surge episodicamente no final desse século, em manuais escolares de autores eruditos, como J. Lima (1872), que classifica alguma paisagem de “linda”, ou de Manuel António Ferreira-Deusdado (1893) que, por exemplo, nos fala de uma “paisagem agrícola, monótona, curta” (CLAUDINO, 2001, p. 416 e 522). Com a reforma de Jaime Moniz, de 1895, no programa de Geografia da 2ª classe/ano, surge, pela primeira vez, as “paisagens características” de Portugal, definidas por “a natureza e o homem nas diversas regiões” (*Diário do Governo* nº 208, de 16 de setembro). Idêntico apelo é repetido na reforma liceal seguinte, de 1905. A paisagem vai fazendo o seu percurso, na descrição do território português. Ela surge, fundamentalmente, como produto da interação entre a natureza e os grupos humanos, o que perdura, no essencial, até à atualidade.

O programa do ensino liceal de 1948, no 5º ano (14/15 anos), aborda as “regiões naturais” de Portugal e aconselha a sistematização das mesmas efetuada por Amorim Girão. Estas são definidas pela unidade de estrutura, relevo e clima e vão aparecer no “livro único” imposto aos alunos de todo o país – note-se a ausência de outros elementos, como a vegetação e, naturalmente, a ocupação humana. Contudo, será o próprio Amorim Girão a produzir, em 1958, um mapa do continente com “Imagens Regionais”, centradas unicamente nas atividades humanas (GIRÃO, 1958). Mais tarde, surge já, nos últimos anos liceais, as “divisões geográficas” do Continente, que partem de novo das características físicas, defendidas por Orlando Ribeiro, em 1945 (Figura 1), onde se acabam por definir 23 unidades de paisagem (embora o conceito esteja ausente do manual).

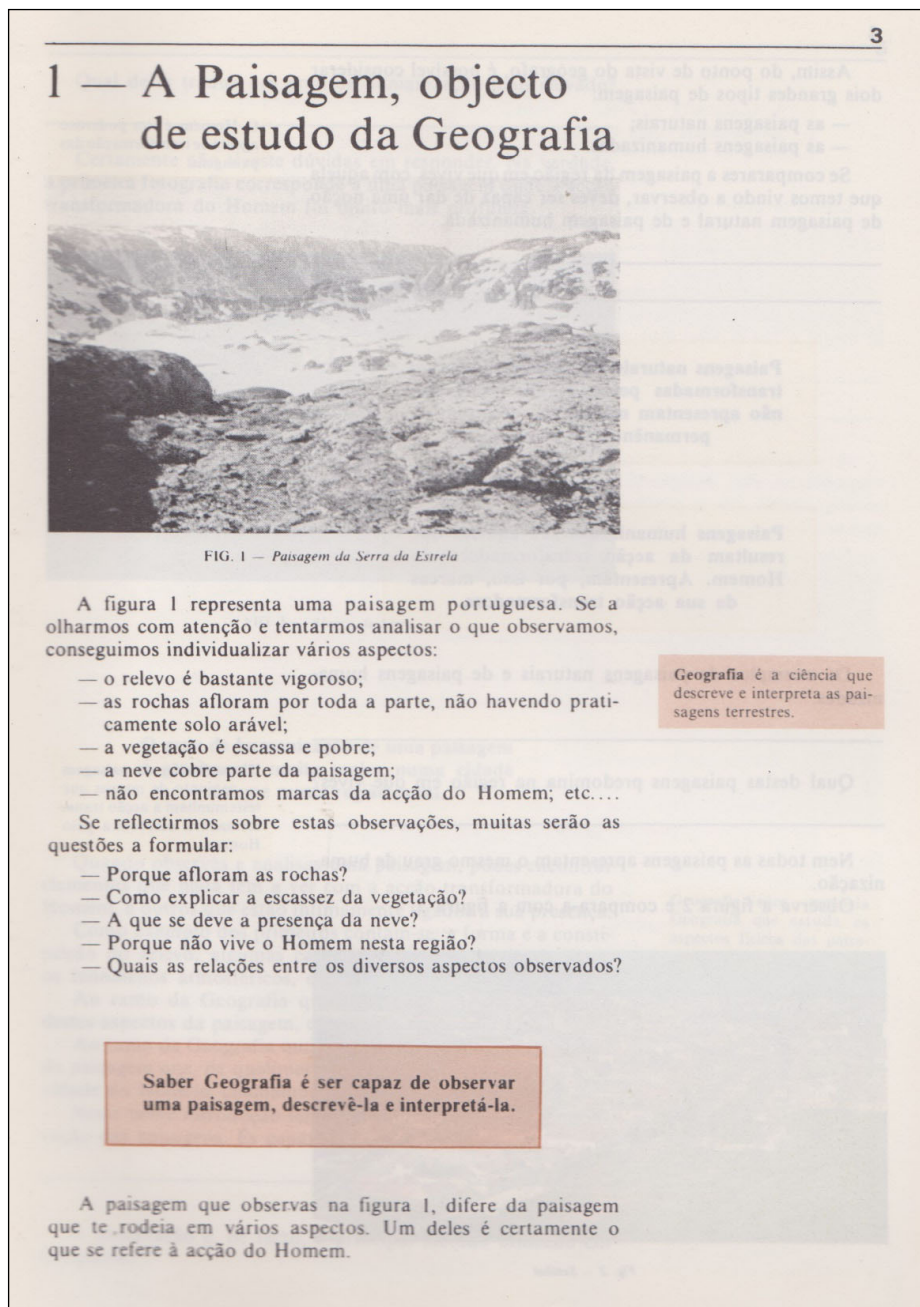


Fonte: Vieira, Moura (1967, p. 471)

Figura 1. As divisões geográficas de Portugal (Continental), segundo Orlando Ribeiro.

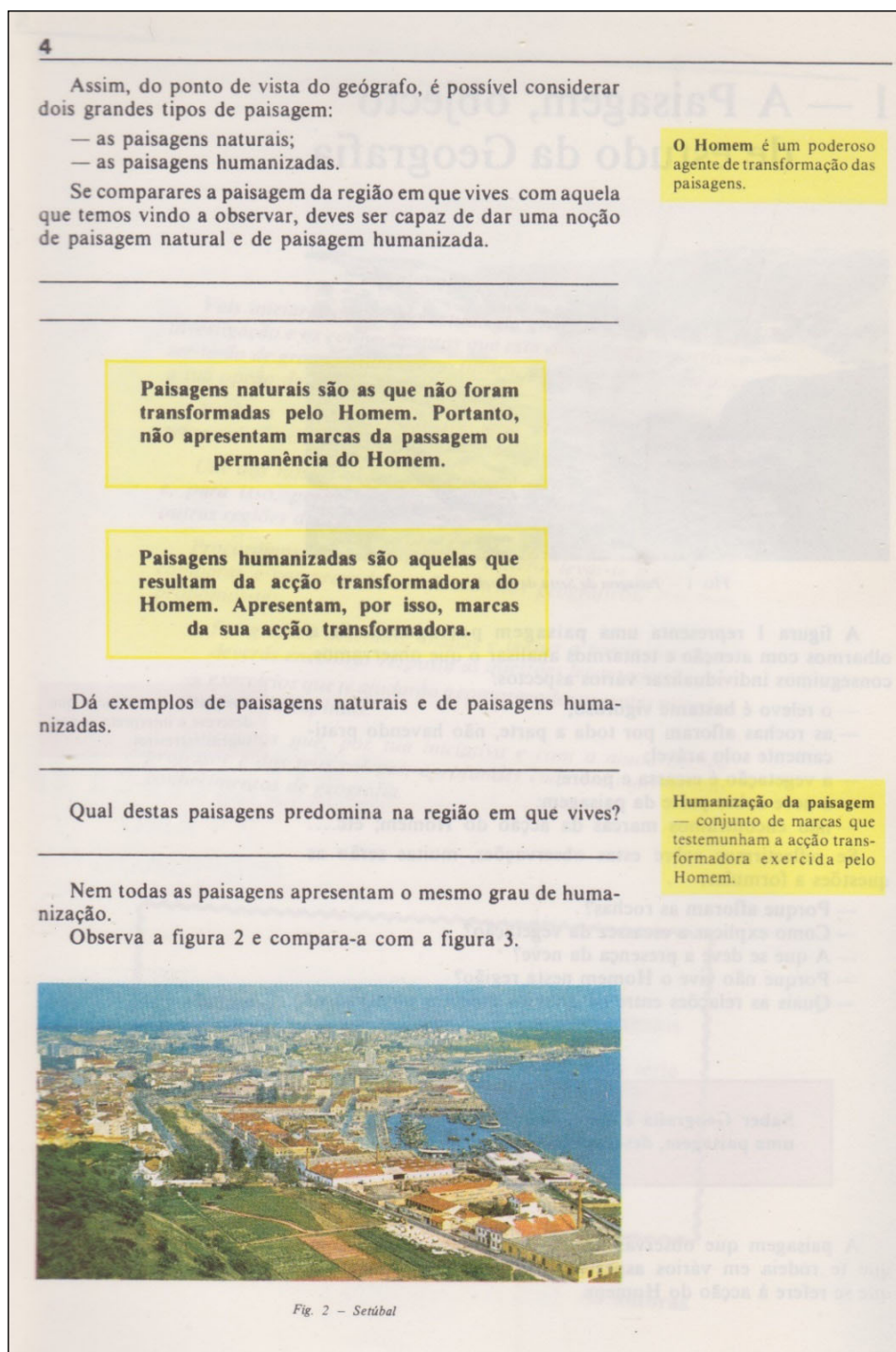
Em 1968, no inovador programa de História e Geografia de Portugal, refere-se o estudo do meio local, como paisagem humanizada (conceito que, assim, surge pela primeira vez), na perspetiva da investigação sobre o “género de vida” da população – ecoando, assim, uma vez mais, os conceitos da Geografia Regional francesa.

Será já após a Revolução de 1974, como se referiu, que emerge no ensino fundamental e médio (básico e secundário, em Portugal), muito do discurso de Orlando Ribeiro. A Geografia surge como a ciência que estuda as paisagens (Figura 2). Os alunos são desafiados a identificarem, nas fotografias dos manuais escolares, os elementos físicos e humanos das mesmas, num discurso que se esgota frequentemente na dualidade entre “paisagens humanas” e “paisagens naturais”, estas aquelas que o a ação humana ainda não transformou (Figura 3).



Fonte: Sousa, Gualberto (s. d. p. 3)

Figura 2. Manual escolar de Geografia mais vendido no final dos anos 70 e começo dos anos 80.



Fonte: Sousa, Gualberto (s. d. p. 4)

Figura 3. Manual escolar de Geografia: o homem como agente de transformação das paisagens e a dualidade das mesmas ou a influência do discurso regional de Orlando Ribeiro.

Mas não se veem, pelas vilas ou cidades portuguesas, grupos de alunos, com os seus professores, observando as paisagens, comentando as mesmas, discutindo-as – sequer se repara que os alunos espreitem pelas janelas das escolas ou a partir dos vedações das mesmas.

Como se referiu, o discurso da Geografia anglo-saxónica, vinculado à Nova Geografia, em que a Geografia é encarada como ciência espacial, assumidamente nomotética, teve uma escassa penetração nos ensinos básico e secundário. Na universidade, a Geografia académica, após o distanciamento da Geografia “tradicional”, vai recuperando o seu interesse pela paisagem, numa abordagem mais holística e sensorial da mesma – como sucede com a Nova Geografia Regional (ALBET I MAS, 1993).

Em 2001, as Orientações Curriculares surpreendem, de alguma forma, pela centralidade que conferem à paisagem; pretende-se aprofundar o significado das mesmas, como “património comum, um valor social relacionado com o lazer, o ambiente, a qualidade de vida, a cultura, etc” (CÂMARA ET AL, 2001, p. 7). Este discurso não é, contudo, transposto para os livros escolares. Num dos manuais mais vendidos deste período, a paisagem é aquilo que a vista alcança e identificam-se os elementos naturais e humanos da mesma – como nos anos 70/80 (Figura 4). O novo programa não significou uma nova abordagem da paisagem.

Mais tarde, nas Metas Curriculares, de 2013, a Geografia é definida como ciência de territórios que resultam da inter-relação entre natureza e sociedades e apela, mais adiante, à diferenciação das paisagens segundo seu grau de humanização e à identificação das diferentes etapas de uma pesquisa em Geografia. Uma vez mais, a Geografia é definida como “ciência das paisagens” (DOMINGOS; LEMOS; CANAVILHAS, 2014, p. 10) e o discurso sobre a paisagem poderá aprofundar um pouco as causas da humanização, mas não o essencial de um discurso que não aprofunda a dimensão identitária e social da paisagem (Figura 5).

20

A Terra: estudos e representações

Elementos que constituem a paisagem

O estudo das paisagens é muito importante para a Geografia, pois estas observam-se diariamente e constituem o espaço terrestre. São, de grosso modo, **tudo aquilo que, num espaço aberto, consegue alcançar com o olhar.**

Há uma enorme quantidade de paisagens que são compostas por diferentes elementos e características.



Fig. 1 Paisagem do vale do Douro.

Para se analisar de forma correta uma paisagem, deve proceder-se a uma observação atenta, seguida da identificação dos elementos que a compõem. Esses podem ser:

- **Elementos naturais** – que surgem espontaneamente na Natureza, tais como:
 - rios
 - montanhas
 - vegetação...
- **Elementos humanos** – que existem devido a alterações introduzidas pelo ser humano:
 - casas
 - estradas
 - campos de cultivo...

Assim, uma paisagem é **constituída por elementos naturais e humanos observáveis num determinado espaço geográfico.**

Fonte: Ribeiro, Lopes, Custódio (2012, p. 20.)

Figura 4. As Orientações Curriculares não alteraram o anterior discurso sobre a paisagem.

A Geografia como ciência das paisagens

Existem paisagens que mostram claramente as marcas da atividade humana, apresentando alterações mais ou menos profundas dos elementos naturais: são as **paisagens humanizadas**.

São muitos e variados os fatores responsáveis pela alteração da fisionomia de extensas áreas do globo e pelo crescente **grau de humanização das paisagens**: a agricultura; o crescimento da população mundial; os grandes movimentos migratórios; o desenvolvimento industrial; a intensa exploração dos recursos naturais (desflorestação, exploração de minérios); a expansão urbana; o desenvolvimento das vias de comunicação; a conquista de novas terras para a agricultura.

Nas paisagens humanizadas, podemos classificar algumas como: predominantemente agrícolas **Doc. 8A**, urbanas **Doc. 8B** e industriais **Doc. 8C**.

DOCUMENTO 8 - A diversidade de paisagens humanizadas.



O grau de humanização das paisagens, ou seja, a maior ou menor transformação da superfície terrestre provocada pelos seres humanos, depende da combinação de muitos fatores naturais como o clima, o relevo, a fertilidade do solo, a riqueza do subsolo e o tipo de coberto vegetal, mas também do nível de desenvolvimento social, económico e tecnológico das populações que ocupam cada território.

ATIVIDADES

1. Observa o documento 7.
 - 1.1. Classifica o tipo de paisagem representado em cada fotografia (A, B, C e D).
 - 1.2. Refere os fatores que podem ser repulsivos para a presença humana em cada paisagem.
2. O local onde vives e onde desenvolves as tuas atividades é ótimo para pôr à prova os teus conhecimentos geográficos. Tira fotografias com a máquina fotográfica ou telemóvel e transfere-as para um programa de computador onde possas editar fotografias.
 - 2.1. Cria um título para cada fotografia.
 - 2.2. Legenda as fotografias, identificando os elementos naturais e humanos
 - 2.3. Que tipo de paisagens predominam no meio onde vives? Baseia a tua resposta nas fotografias tiradas.
 - 2.4. Imprime as fotografias e expõe-nas na sala.

PROFESSOR

Jogo

- Paisagem natural e humanizada.

Proposta de correção

1.1. Todas as paisagens são naturais.

1.2.

Foto A: temperaturas negativas/impossibilidade de praticar agricultura/dificuldade do Homem em se adaptar às elevadas altitudes/etc.

Foto B: Temperaturas extremamente negativas/impossibilidade de praticar a agricultura/ ausência de vegetação/ ausência de água em estado líquido/etc.

Foto C: Temperaturas muito elevadas/humidade muito elevada/ solos pouco apropriados para a prática da agricultura/etc.

Foto D: Ausência de água/ temperaturas muito elevadas/ ausência de infra-estruturas/ dificuldade na prática da agricultura/ etc.

2.1/2.2/2.3/2.4 Atividade autónoma.

13

Fonte: Domingos, Lemos, Canavilhas (2014, p. 13).

Figura 5. Metas Curriculares: a Geografia continua como ciência das paisagens, numa abordagem que dá continuidade às anteriores.

Em 2018, nas Aprendizagens Essenciais do 7º ano (República Portuguesa. Educação, 2018), a “Descrição da paisagem” surge como tópico inicial, numa abordagem muito empírica da mesma, em que se confere destaque às “unidades de paisagem”. Os manuais tendem a repetir esta abordagem. Uma conhecida autora escolar portuguesa

define a paisagem como “o espaço visível de um dado ponto”, marcado pelo dinamismo, devido a fatores “naturais e humanos” (RODRIGUES, 2021, p. 31). Contudo, a mesma autora introduz o conceito de unidades de paisagem, ainda que sem o aprofundar, a partir da informação da Direção-Geral do Território (Figura 6).



Fonte: Rodrigues (2022, p. 37).

Figura 6. As unidades de paisagem entram num dos manuais escolares de Geografia mais divulgados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESAFIO DE UMA NOVA ABORDAGEM DIDÁTICA

A Geografia surge, em Portugal, intimamente associada à paisagem. O esforço de uma abordagem multidimensional da mesma, em 2001, não teve eco nos livros didáticos nem continuidade nas reformas curriculares seguintes. A paisagem é o que se vê, nela distinguem-se os elementos físicos e humanos e pouco mais se explora.

A observação e descrição da paisagem, desde logo a local, mas também a paisagem enquanto património social e ambiental e, ainda, elemento de identidade, está arredada de um discurso escolar que parece perpetuar-se ao longo de 50 anos.

O percurso escolar da paisagem na educação geográfica em Portugal demonstra como a paisagem está intimamente entrosada no seu discurso, mas também como essa abordagem é simplista e redutora. Há, assim, um importante desafio didático: a paisagem pode ser um elemento central na renovação de uma Geografia de observação, interpretação e reflexão sobre um território feito de paisagens.

NOTA

2 Apontamentos da cadeira de Introdução aos Estudos Geográficos do curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, lecionada pelo Professor Orlando Ribeiro.

REFERÊNCIAS

- ALBET I MAS, A. La nueva Geografía Regional o la construcción social de la región. **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**, 13, 11-29, 1992.
- CÂMARA, A. C. et al. **Geografia**. Orientações Curriculares. 3º ciclo. Lisboa, Ministério da Educação, 2001.
- CLAUDINO, S. **Portugal através dos manuais escolares de Geografia**. Século XIX. As imagens intencionais. Tese (Doutoramento em Geografia). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.
- CLAUDINO, S. Os compêndios escolares de Geografia no Estado Novo: mitos e realidades. **Finisterra** – Revista Portuguesa de Geografia, XL (79), p. 195-208.
- COMÊNIO, J. A. **Didáctica Magna**. 6ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1657/2015.
- DOMINGOS, C., LEMOS, S., CANAVILHAS, T. **Sem Fronteiras**. Lisboa, Plátano Editora, 2014.
- GIRÃO, A. A. **Geografia de Portugal**. 2ª edição. Porto, Portucalense Editora, 1951.
- GIRÃO, A. A. **Atlas de Portugal**. 2ª edição. Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, 1958.
- LOUREIRO, L., PATRÍCIO, A. **Compêndio de Geografia**. 2º ciclo dos Liceus. Volume II – 4º e 5º anos. Porto, Porto Editora, 1955.
- RIBEIRO, O. **Ensaio de Geografia Humana e Regional**. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1970.

- RIBEIRO, O. Um mestre da Geografia do nosso século – Emmanuel de Martonne (1873-1955). **Finisterra** - Revista Portuguesa de Geografia, 8(16), p. 163-264, 1973.
- RIBEIRO, E., LOPES, R. T., CUSTÓDIO, S. GPS. **Geografia**, 7º ano. A Terra: Estudos e Representações. Meio Natural. Porto, Porto Editora, 2012.
- RODRIGUES, A. **MAPA MUNDO 7. GEOGRAFIA 7º ANO**. LISBOA, TEXTO EDITORES, 2021.
- SOUSA, M. L., GUALBERTO, M. H. **Geografia 7º ano**. Lisboa, Editorial O Livro, s. d.
- TELES, F. X. S. **Obras de Silva Telles**. A Ciência Geográfica. Lisboa, Associação Portuguesa de Geógrafos, 2004.
- THIMONIER-ROUZET, E. La professionnalisation de la géographie par l'aménagement du territoire: une réflexion par la performance des formations universitaires. In N. ROUGET N. BARON, A. CATTARUZAA, N. LEMARCHAND, B. SEPÚLVEDA, **Fragments de Géo** (p. 141-154). Paris, Presses Universitaires de Vincennes, 2022.
- VIEIRA, E., MOURA, A. **Geografia**, 3º ciclo liceal. Lisboa, E. L. Fluminense, 1967.